

Raquel Stolf > **notas oblíquas [sob uma coleção de silêncios]**<sup>1</sup>

## Resumo

Texto em filamentos, composto por anotações rarefeitas sob o processo de colecionar, listar, gravar, decompor, escrever/desenhar e ouvir/escutar silêncios. A partir de investigações que envolvem uma **escuta crua e porosa** e a operação da “*phonomnèse*” (AUGOYARD; TORGUE, 2006), atividade psíquica que envolve uma escuta interna, silenciosa e/ou ruidosa (a escuta como “ato mental”), transita-se entre o silêncio sonoro e um silêncio acústico. Silêncio enquanto ruído-rumor (cheio, opaco, **branco**), enquanto flutuação de sentido (**deu o branco**) e silêncio que transita, salpica, oscila (**mar paradoxo e 100 silêncios empilhados**). Sobre as localizações do silêncio – onde e aonde ele pode acontecer? No encontro ou desencontro entre a audição, a escuta e o sentido? Entre a escuta crua e a escrita, na arranhadura da “palavra-desvio”? O texto fisga reflexões que dialogam com Jean-Luc Nancy, Gilles Deleuze, Maurice Blanchot, Brandon LaBelle, John Cage, Georges Perec, Jean-François Augoyard e Henry Torgue.

**Palavras-chave:** Silêncio. Escrita. Escuta.

## Abstract

Filaments of text, composed by spare notations stemming from the process of collecting, listing, recording, decomposing, and writing/drawing silences. From the investigation of *raw and porous listening* and the operation of “*phonomnèse*” (AUGOYARD; TORGUE, 2006), a psychic activity involving internal, silent and/or grainy listening, (listening as a “mental act”), one traverses from sonorous to acoustic silence. Silence as noise-rumor (full, opaque, *white*), as a waviness of sense (*blanked out*) and silence that traffics, spatters, oscillates (*paradox sea* and *100 piled silences*). It is also about the localization of silences – where and in where can it occur? In the encounter or the failing of encounter between aurality, listening and sense? Between raw listening and writing, in the scratch of “*swerve-word*”? The essay touches on reflections that speak with Jean-Luc Nancy, Gilles Deleuze, Maurice Blanchot, Brandon LaBelle, John Cage, Georges Perec, Jean-François Augoyard, and Henry Torgue.

**Keywords:** Silence. Writing. Listening.

> Artista, pesquisadora e professora nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC. Mestre e doutora em Artes Visuais pela UFRGS. raquel.stolf@gmail.com



como começar, construir e manter uma coleção de silêncios?  
e o que implica o deslocamento de um silêncio, sua inclusão  
noutro contexto – uma coleção?

como capturar um silêncio?  
como mover um silêncio?  
com um texto que desvia? com uma palavra pênfil?

como construir um branco na escuta?

talvez os silêncios mais longos sejam os que não estão gravados,  
pois estava tão imersa neles que me dissolvi em suas texturas.  
como o silêncio de uma tarde de leitura, quando esqueci o  
gravador ligado, até o final do disco.  
cinco horas e meia de silêncios ininterruptos, incessantes e  
esquecidos.

esse/este silêncio das coisas: de uma mesa, de uma pedra, do  
vento, do chão, da parede estática, que insta.  
ou do corpo, das mãos, dos olhos, do nariz, da pele-depósito.  
estar com um silêncio dentro da boca.

silêncio simultâneo.  
ouvido-ventrículo.  
voz ventríloqua.



escutar uma atmosfera silenciosa, boiando com ou sem névoa,  
com ou sem desfoque.  
ali, numa espreita inofensiva.

os silêncios de um dia de chuva. silêncios de um dia de sol. são  
parecidos, são diferentes. eles se repetem, um dentro (ou por  
dentro) do outro.

1 O presente texto integra a pesquisa que venho desenvolvendo na UDESC desde 2015, intitulada “Processos de escrita / Escuta de processos [articulações entre voz, palavra e silêncio em publicações sonoras]” (2015-2017). Consiste numa versão revista e ampliada do texto homônimo publicado na Revista Bólide, n.5 (2014), Curitiba, Editora Iluminuras e Medusa Editora, tendo o início de sua escrita em minha tese de doutorado, intitulada “Entre a palavra pênfil e a escuta porosa [investigações sob proposições sonoras]”, desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, em Porto Alegre, entre 2007 e 2011. Venho apresentando leituras de fragmentos das versões deste texto em comunicações, conversas e colóquios, desde 2012.

em 28/12/2007, percebi que estava paralisada com a dificuldade de gravar, listar, selecionar e deslocar silêncios. talvez não se deva pensar o que é um silêncio, mas quando e se ele acontece, como ele é arquitetado, agenciado.

o silêncio como modo ou modulação de escuta, os silêncios na e da própria escuta.

silêncio de pensamento?

[gravar cinquenta silêncios por ano]

[gravar sessenta silêncios por ano]

[gravar cem silêncios por ano]



gravar e empilhar silêncios do que está fora de mim, mas me atravessa.

um silêncio que introduz uma camada subcutânea no dia.  
ou que imanta meus tímpanos.



entre o silêncio sonoro e o silêncio acústico, como ouvir um oxímoro?

como escutar um paradoxo?  
como apreender um silêncio?

como propor algum silêncio?

silêncio salpicado

silêncio oscilante

silêncio colapsante

silêncio mergulhante

silêncio torto

silêncio despreparado

silêncio avulso

silêncio a sós

silêncio quase desmaiando

silêncio deserto

silêncio turvo

silêncio irrecuperável

silêncio ocioso

silêncio aberto

silêncio fechado

silêncio embrulhado

silêncio preparado

silêncio acompanhado  
 silêncio com falha  
 silêncio empilhado  
 silêncio ruidoso  
 silêncio costeiro  
 silêncio atmosférico  
 silêncio sem ar

«

o que de um silêncio avizinha com o outro?  
 o que silêncios de diferentes espaços e contextos têm em comum?  
 no que eles diferem? ou eles se parecem porque diferem?

os silêncios se repetem, ingovernáveis.  
 para Brandon Labelle, *o som é ingovernável*, sendo ao mesmo tempo próprio e alheio, envolvendo o ato de compartilhar. o som se espalha, se dissolve e nos ensina a gerir a perda, mas também a estar presente.  
 para LaBelle, *o som [me] dá sempre mais do que espero* (2013).

«

▷

[mas, silêncios podem ser decepcionantes]

▷

silêncios que podem ser, que parecem ou que eram.  
 coisas que podem ser, que parecem ou que eram silenciosas.  
 rumores que podem ser, que parecem ou que eram silenciosos.

os silêncios parecem ser *infraordinários*.  
 Georges Perec pergunta-se como descrever o que se passa a cada dia e que se repete banalmente, como interrogar o que é comum e cotidiano, como falar desse *ruído de fundo*, incessante e rasteiro. e como propõe Perec, começando por fazer um inventário de nossos bolsos ou bolsas, perguntando onde, quando, por que e como vivemos, respiramos, caminhamos, descemos as escadas, sentamos à mesa para comer ou deitamos em camas para dormir.

silêncios infraestruturam o cotidiano.

como escreve John Cage, *o silêncio é um meio de ouvirmos o que nos cerca*.

»

silêncios parecem concretos, como blocos opacos.  
gravar silêncios que existem, que coexistem, que subsistem.



inventar condições de registro, escutar um silêncio sem ouvir.  
escrever, inscrever e imaginar silêncios.  
*agucar o ouvido* (NANCY) para tentar fisgá-los.

sobre as localizações dos silêncios – onde e aonde eles podem acontecer?

no encontro ou desencontro entre a audição, a escuta e o sentido?

no intervalo entre a *escuta crua* e a escrita, na arranhadura da “palavra-desvio”?

esta/essa escrita pode ser pensada como um microscópio de ouvido?

a escrita como indicador “*phonmnèsico*” (AUGOYARD; TORGUE) e o silêncio como um som no qual/sob o qual não se tem aonde se agarrar.



tentar executar um silêncio acústico [de dentro para dentro ou de fora para fora]. situação de escuta concentrada-espaçada, compacta.

começar a deslizar sobre e sob lascas de som.



estar numa zona de vizinhança com silêncios.

o silêncio como um estado ou devir.

como mistura indissolúvel-solúvel de uma/numa/sob uma situação: ela escreve sem parar ao meio dia, enquanto o sol estala as folhagens.

silêncio estalando como página. com o dia/noite ao meio e o sol sem parar, escrevendo-a.

respirar algo essa in/dissolução pode ser secretamente perigoso.

e se a in/dissolução não deixar rastro, ela foi mais leve que o ar.

se ela deixar uma marca na boca, no ouvido, no nariz, na nuca,

na sola do pé ou no olho, ela foi mais pesada ou da mesma

oscilação que o ar.

um dia sempre tem ou faz seu próprio ar, inacessível e denso.

e se encostarmos exatamente no ar do dia, não se sabe o que pode acontecer.

o silêncio pode ser uma espécie de escuta do Fora.



uma fala, antes de acontecer, pode envolver e ouvir algo *intangível flutuando em algum lugar dentro do corpo, como um vapor difícil flutuando na mente*, como escreve Brandon Labelle (2001). para Labelle, a fala tem dimensões: alguém *olha fixamente a linguagem e ela encara de volta* (2001).



estar com outro silêncio dentro da boca.



tenho a sensação de que sob tudo o que se diz e acontece, corporal ou incorporealmente, há uma crosta de silêncios. há texturas silenciosas soltas no ar, suportando as outras tantas ondas sonoras e pulsando incessantemente, enquanto ruído-rumor de fundo.

seria possível apenas indicar essas suspensões?

como concatenar ou catalisar uma atmosfera silenciosa?

como agenciar condições de escuta?



o silêncio de uma casa vazia.

o silêncio de uma casa desocupada pode ser assustador, como se nele houvesse uma memória ou amnésia atmosférica que o habitou antes.

o silêncio de uma casa cheia é opaco.

silêncio fechado para balanço.

um silêncio pode mudar de lugar sem ser percebido?

o silêncio da noite, da madrugada e da manhã, em espaços fechados ou em espaços abertos, são diferentes?

os intervalos se repetem, como células que se subdividem e se proliferam, sem fazer barulho.

os intervalos se deslocam, como esquecimentos ou assimetrias do dia.

tentar ouvir uma sala vazia, desabitada, despreparada para a escuta de seu próprio intervalo.

os silêncios, no plural.  
camadas de cílios, camadas de vento, camadas *infra-mince/infra-*  
*leve* de sons.

a distância pode criar um rumor-maresia.

tentar pensar-pescar silêncios nos fundos do mar, que produzem,  
respiram e mastigam silêncios costeiros. tentar fisgar os  
fundinhos de silêncio que vão roendo a água salgada. esses  
fundinhos próximos, mas que catalisam silêncios sorrateiros,  
micro-solutos, resistentes e que fazem a transição para a faixa  
de areia (área de espraiamento) que não está submersa.

e entre cada camada de mar (ondas) há um vazio.  
a espuma acontece porque a onda se dobra. e mais vazio (ar)  
incide nas partículas transparentes e brancas.

▶▶ ▶

▷

derretimentos ou deslocamentos de silêncios, realocações de  
silêncios, locações de silêncios.

aluga-se silêncios.

▶▶

*t. compra o silêncio de c.* – diz o jornal.

▶

os silêncios do terreno baldio e os silêncios de um corredor vazio.  
os silêncios desse instante, desse fragmento de noite chuvosa,  
sem chuva, mas chuvosa.

silêncio submerso: cada vez que a escrita desliza, o ouvido  
afunda.

o silêncio não tem voz? ele é uma não voz?  
o silêncio de um ambiente não tem linguagem?

como instalar, ou colocar em ação, esse/este silêncio?

▶▶

para esburacar a escuta, seria preciso baixar o volume da boca e/  
ou dos ouvidos?

[o silêncio não é uma surdez]

alguns silêncios são mais sonoros do que outros.  
alguns silêncios são mais acústicos do que outros.  
existem espécies de silêncios, como diria Péric. ou talvez os  
silêncios agenciem espaços de dúvida, espaçamentos, incisões  
e deslizamentos.

um branco acústico.

espaço liso: o lado de dentro é modulado pelo lado de fora.  
silêncios são modulados por espaços e tempos. somos  
modulados por silêncios imperceptíveis, atravessados por uma  
nuvem de micro e macro-silêncios.

um zero sonoro.  
um zero no ouvido.  
um zero no olvido.

as camadas de um silêncio:

- 1 - o atrito da respiração
- 2 - o ar do quarto
- 3 - passarinho lá fora
- 4 - carros ao longe
- 5 - sibilos emaranhados de pessoas na rua
- 6 - a geladeira
- 7 - carros mais perto
- 8 - coço a cabeça

outra espécie de silêncio: uma palavra deita em meus ouvidos e  
morre do coração.

qual é o ruído [escondido] da escuta?

▷



## Referências

- AUGOYARD, Jean-François; TORGUE, Henry (eds.). **Sonic Experience: A Guide to Everyday Sounds**. Montreal: McGill-Queen's University, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita – 1**. A palavra plural. São Paulo: Escuta, 2001.
- CAGE, John. **De segunda a um ano**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Silencio**. Madrid: Árdora Ediciones, 2007.
- \_\_\_\_\_. John Cage: Dois toques para o Brasil (Entrevista). **Código**, n. 3, Salvador, ago. 1978. Disponível em: <[http://codigorevista.org/revistas/pdf/codigo03\\_digital.pdf](http://codigorevista.org/revistas/pdf/codigo03_digital.pdf)>.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- LABELLE, Brandon; MIGONE, Christof (orgs.). **Writing Aloud: The Sonics of Language**. Los Angeles: Errant Bodies Press with Ground Fault Recordings, 2001.
- LABELLE, Brandon. **Lexicon of the Mouth: poetics and politics of voice and the oral imaginary**. Nova York: Bloomsbury, 2013.
- NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Belo Horizonte: Ed. Chão da Feira, 2014.
- PEREC, Georges. **L'infra-ordinaire**. Paris: Éditions du Seuil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Penser/Classer**. Paris: Éditions du Seuil, 2003.
- STOLF, Maria Raquel da Silva. **Entre a palavra pênsl e a escuta porosa** [investigações sob proposições sonoras]. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <[http://www.raquelstolf.com/wp-content/uploads/2000/09/TESE\\_RaquelStolf\\_20111.pdf](http://www.raquelstolf.com/wp-content/uploads/2000/09/TESE_RaquelStolf_20111.pdf)>. Acesso em 10 maio 2011.